

# A PROBLEMÁTICA DA EPISTEMOLOGIA NA PSICANÁLISE

2019

**Alan Ferreira dos Santos**

Formado em Psicologia (Psicólogo) pela Universidade Paulista (UNIP)-(Bolsista ProUni/2014-2019). Aprimorando em Neuropsicologia Geriátrica (2019-) pela UNICAMP pelo Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, atuando no Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica e Neuropsiquiatria Brasil)

Email:

[alanfs1995@gmail.com](mailto:alanfs1995@gmail.com)

---

## RESUMO

Essa investigação teve como problemática a epistemologia da psicanálise. Com base nessa linha de pesquisa estudou-se e reflexionou-se sobre os principais escritos – relevantes - em relação ao tema, em específico trabalhos de Renato Mezan, Joel Birman, Leopoldo Fulgêncio, Loparic e Luís Cláudio Figueiredo. Compreendeu-se que a questão é pouca estudada e que em sua maior parte os pressupostos de uma Epistemologia da Psicanálise se confundem com os pressupostos de uma Epistemologia da Ciências Humanas. Além disso é perceptível que não há uma delimitação muito bem estabelecida entre esses campos de conhecimento, visto que não há diferenciação, justamente por não haver conhecimento sólido e firme sobre como se origina, desenvolve-se e constitui-se esse saber nas ciências humanas e na psicanálise. Portanto, conclui-se que o estado de indiferenciação entre essas respectivas áreas de conhecimento se dá por causa da ausência de entendimento sobre esses campos em suas minúcias e particularidades.

**Palavras-chave:** Filosofia das ciências humanas, epistemologia das ciências humanas, teoria das ciências humanas, filosofia da psicanálise, epistemologia da psicanálise.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## **OBJETO DE INVESTIGAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DA PSICANÁLISE**

Os paradigmas em psicanálise é um tema complexo e sem solução – até o momento -. Pretendendo demonstrar que o campo da epistemologia da psicanálise não é um problema que possa ser desvendado através dos textos de metodologia científica em Freud, uma vez que o que buscamos não é “um método” ou “um como fazer ciência”, mas sim *como a ciência se desenvolve* e nesse caso específico *como a psicanálise se desenvolve*. Nessa via não podemos analisar o nosso objeto – psicanálise – a partir de seu próprio referencial teórico-conceitual, mas sim a partir daquilo que nos aparece enquanto sendo a psicanálise e isto envolve inclusive se utilizar do referencial psicanalítico, mas não *fazê-lo prioridade* nesta investigação.

## **A PSICANÁLISE REFLEXIONADA A PARTIR DE SI MESMA**

Devemos nos questionar o do porquê de tal meticulosidade e o que determina essa escolha. A princípio devemos postular uma lei epistemológica – se assim podemos dizer -. *Toda forma de compreensão de um objeto e os modos pelos quais se aproximar deste são determinadas não pelo pesquisador, mas sim pelo próprio objeto.*

Essa consideração elementar nos serve de justificativa para não justificarmos a psicanálise por ela mesma como vem sendo feito a muito tempo:

*Maurice Dayan caracteriza bem esta situação em seu livro L'Arbre des Styles, no qual encontramos diversas ideias extremamente estimulantes para fazer avançar nossa discussão. Uma delas é que os pensadores que desejaram inovar na psicanálise se encontraram em situação diferente daquela vivida pelos filósofos e cientistas, ao tentar construir um sistema próprio ou desenvolver um pensamento original, na medida em que a psicanálise tem como parâmetros básicos algumas afirmações que não podem ser nem ignoradas nem refutadas pelo autor pós-freudiano, sob pena de se excluir do campo balizado pelo inconsciente. Na filosofia, cada sistema ou doutrina tem por objetivo construir um discurso verdadeiro sobre os objetos de que se ocupa, mas a pretensão de cada sistema/doutrina de ter atingido este ideal é em princípio igual e independente de todas as demais.*

*Quando um filósofo cita outro ou debate com ele, esta referência é de natureza completamente diversa do que ocorre quando um psicanalista remete a Freud. Da mesma forma, um grupo de cientistas pode vir a propor uma mudança de paradigma em seu campo e, para fazê-lo, se defrontará com exigências que não são as mesmas, por exemplo, que organizam a discussão entre Klein e Freud acerca da angústia do Homem dos Lobos. Além disso, o estabelecimento de uma nova escola na filosofia ou nas ciências não constitui, em si mesmo, um problema no mesmo sentido em que o estabelecimento de um novo sistema psicanalítico o é, porque o pensamento psicanalítico se encontra balizado por estas duas dimensões ineludíveis, que são, por um lado, a obra de Freud, e, por outro, a prática psicanalítica. Estas coordenadas instauram os limites do campo psicanalítico, e tudo o que não respeitar estes limites cairá automaticamente fora da psicanálise (MEZAN, 1990, p. 50).*

A princípio podemos trabalhar a asserção que diz “Na filosofia, cada sistema ou doutrina tem por objetivo construir um discurso verdadeiro sobre os objetos de que se ocupa, mas a pretensão de cada sistema/doutrina de ter atingido este ideal é em princípio igual e independente de todas as demais”. É extremamente discutível essa afirmativa, uma vez que a filosofia se ramifica em diversos campos e tópicos, compreender um tema abrangente – como a questão da epistemologia na psicanálise - a partir de um reducionismo excludente é no mínimo prejudicial à compreensão real dos fatos, não obstante, me estenderei nessa questão – mas muito pouco - por não ser necessário dizer muito para desmitificar tal engodo.

Não é novidade nenhuma de que o inconsciente não é uma invenção Freudiana, este processo psíquico já aparecia em autores como Kant, Schopenhauer e Nietzsche. É conhecido também que Freud lera esses autores - que por sinal são todos filósofos -. O conceito basilar – o inconsciente - e pilar dessa disciplina teve o seu auge – em termos de formulação e elucidação – com Freud. É necessário compreender que o intuito de descobrir a verdade sobre os objetos não é apenas uma ambição da filosofia, mas é de toda ciência enquanto tal.

Autores como Spinoza tivera o intuito de produzir um sistema compreensivo sobre o funcionamento dos afetos, uma teoria que pudesse explicar o modo pelo qual os afetos interagem e, por conseguinte a maneira pela qual os indivíduos se comporta de acordo com a dinâmica da afetividade emergente. Essa forma de filosofia é estritamente concreta e intenta compreender o *modus operandi* do homem – sua psicologia -.

Quero demonstrar com isto que a distância entre a tradição filosófica e a psicanálise não é tão grande quanto parece e que apesar da *sedução* de expor a psicanálise enquanto um campo distante da filosofia é atraente, mas não parece condizer com a realidade - e muito menos ser

conveniente para a disciplina -, uma vez que, se esta afirmação estiver correta temos aqui uma *pista epistêmica* da forma pela qual a psicanálise se constituiu.

A segunda tese é de que a psicanálise se distancia das ciências. É evidente que a psicanálise não é biologia e nem filosofia, mas isto não quer dizer que ela não tenha suas raízes nessas formas de conhecimento. É evidente que física não é biologia e muito menos psicologia, mas isto não quer dizer que em algum nível da realidade estas disciplinas não tenham nenhuma forma de relação.

O que pretendo revelar é como os autores da psicanálise se posicionam quando pretendem discutir o estatuto de cientificidade da psicanálise, Mezan (1990) é apenas a expressão máxima da tendência que compreende a psicanálise de modo a-histórico e a *reflexiona epistemicamente* a partir de si própria, só sendo psicanálise se for feita a partir da obra de Freud e a através da prática psicanalítica.

Dessa maneira corta-se os vínculos da psicanálise com a filosofia e, portanto, se diz que ela não é filosofia – claro, por que a psicanálise é mais do que *mera especulação, eles dizem* - e por outro lado não se pode dizer que a psicanálise é ciência – pois é uma disciplina com especificidades próprias, *não podendo ser comparada, eles dizem* –, na realidade não o fazem por que cairiam em descrédito *em relação a própria ciência*, visto que a psicanálise tem um corpus teórico que não é defensável atualmente pelos padrões da ciência atual – um exemplo disso é ascensão nos departamentos de psiquiatria da Psicologia Comportamental e Cognitiva -.

Assim ficamos em “cima do muro”, pretendemos legitimar a psicanálise enquanto uma ciência e dizemos que ela não é filosofia, mas por outro lado não podemos fornecer aquilo que uma ciência propriamente dita solicita – aqui usamos o recurso de diferenciar a psicanálise da ciência e assim evitamos enfrentar o problema da psicanálise como ciência à retirando desse espaço, não havendo necessidade discutir tal questão, já que não se enquadra nesse domínio - e aqui adentramos no paradoxo de ser ou não ser. A maneira encontrada de equacionar a problemática é dizer que a psicanálise é um conhecimento único, “singular” e que não pode ser medido a partir da filosofia e da ciência e que ela é, portanto, uma terceira forma de conhecimento e que é irredutível a qualquer forma de saber. O problema dessa argumentação é que a psicanálise - como se demonstrou - se origina da filosofia e tem estrita relação com a ciência, tendo em seu seio ambos elementos conjugados, não podendo daí extrair uma consequência lógica de que a psicanálise é um *saber ímpar* ou em condição de independência em sua criação. Assim relegamos a psicanálise à uma forma de conhecimento “singular” e, portanto, inequívoco, como também ao estatuto de arte e

assim torna-se justificável a asserção do neurobiólogo Izquierdo, que diz a psicanálise ser um mero exercício estético<sup>1</sup>.

Em vista disso, Mezan dirá que as delimitações da psicanálise se encontram na prática psicanalítica e a partir da obra de Freud – seguindo a linha de raciocínio de Maurice Dayan -. Isto é parcialmente correto, mas em termos epistemológicos não nos diz o que é psicanálise, como ela se forma e se desenvolve. Podemos rastrear de modo qualitativo o processo psíquico do inconsciente em Santo Agostinho no glorioso livro *Confissões* quando o filósofo reflete e se questiona das causas do por que consegue lembrar de que esqueceu alguma coisa – mas que não sabe o quê é -. A delimitação da psicanálise não se restringe apenas a obra de Freud e muito menos a prática psicanalítica, pois a literatura, a filosofia, o conhecimento de si próprio ou análise de si mesmo como Nietzsche fizera em si, permite dar compreensões sobre os processos psicológicos que subjazem a mente humana, como também a biologia, a química e a física com as diversas metáforas – necessárias - que Freud recorria para ilustrar alguns processos e fundamentar outros.

Creio que fora possível a princípio explicitar à tendência de Mezan de analisar a psicanálise a partir de si mesma ou a menos de autonomizar essa forma de conhecimento como sendo independente e não dependendo de *ciências auxiliares* como diria Paul Feyerabend (1989).

Quais são as consequências dessa tendência? Em que tipo de assertivas pode acarretar a ideia de distanciar a psicanálise da filosofia e da ciência e de querer torna-la uma terceira forma de saber que não tem nenhuma forma de relação com outras disciplinas – o que é uma falácia como demonstrado -. A resposta se encontra em outro artigo de Mezan:

*Cada disciplina humana define, dessa forma, quais procedimentos são pertinentes para seu território e quais não, bem como critérios para o estabelecimento de hipóteses e para a sua confirmação ou refutação, padrões de problemas considerados legítimos, níveis de exigência para o trabalho científico, e assim por diante (MEZAN, 2007, p. 2007).*

Essa premissa metodológica-epistêmica relativista é comum e se refere a premissa de que os pesquisadores irão definir os procedimentos pelos quais deveram analisar seu objeto e a maneira

---

<sup>1</sup> Folha de S. Paulo, 18/06/2016.<<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2016/06/1783036-estudos-de-neurociencia-superaram-a-psicanalise-diz-pesquisador-brasileiro.shtml>>.

pela qual irão estabelecer hipóteses, sem critérios externos e apenas àqueles criados por si mesmo<sup>2</sup>.  
*O que define a maneira pela qual o pesquisador irá analisar o seu objeto é o próprio objeto.* O

---

<sup>2</sup> Mais adiante veremos como essa suposição epistemológica está estritamente correlacionada com a questão da virada linguística e permeia o cenário das ciências humanas, onde é o próprio investigador que cria o seu objeto por meio da linguagem, na essência dessa concepção existe a ideia de que é a linguagem que cria o objeto e não que o objeto se encontra no mundo e nós fornecemos uma representação linguística e conforme a análise do representado, enriquecemos nossa compreensão sobre este conforme às conceituações que se complexificam após o processo de síntese das análises. A concepção de que a linguagem cria os objetos é de que se você expressa ‘árvore’ esta passa a existir, se você não expressar esse termo o objeto referente a este não existe, uma vez que você não nomeia o objeto. Assim, o inconsciente é algo criado por meio da linguagem e não tem existência objetiva. É importante ressaltarmos que essa doutrina é denominada nominalismo criada no século XI e Leibniz apud Abbagnano (1998) se refere como sendo “são nominalistas todos os que acreditam que, além das substâncias singulares, só existem os nomes puros e, portanto, eliminam a realidade das coisas abstratas e universais” (p. 715). Um outro dado importante é o estudo de Araújo (2013) que mostra como na história da ciência existe uma espécie de “eterno retorno” de concepções insustentáveis, no caso específico do autor se refere ao materialismo, mas creio que cabe-nos citar o nominalismo, agora com o nome de virada-linguística como uma forma de nominalismo sem substâncias singulares, considerando que no giro-linguístico existe uma inacessibilidade à realidade e devemos nos restringir aos nomes, não há pessoas, mas sim o conceito de pessoa e nos cabe analisar o mundo, isto é, o conceito de mundo em relação ao conceito de pessoa. Devemos considerar que a questão da linguagem como fundadora da realidade permite a resolução de vários problemas incomodativos para o campo das ciências humanas, como (1) eliminação do debate sobre a fidedignidade entre teorias, visto que são igualáveis e todas plausíveis por serem “jogos de linguagens”, podendo cada investigador construir o seu próprio jogo de linguagem à sua maneira e sem critérios de validade científica, visto que este último é uma construção linguística e portanto sem sentido nesse contexto; (2) ascensão da noção de discurso, sendo que esta presume que tudo é uma forma de discurso, não havendo portanto comparativos entre estes, assim a ciência é uma forma de discurso, como também a psicanálise é uma forma de discurso, assim não há nada o que essas formas de discurso possam dizer uma sobre a outra e caso o façam, o faram a partir do seu escopo discursivo, mas dizer a partir do seu escopo discursivo é não dizer nada sobre a coisa que se pretende falar ou minimamente dizer apenas sobre si mesmo. Nesse exemplo a ciência diz que a psicanálise à - ‘grosso modo’ – que esta não satisfaz os critérios considerados cientificamente válidos para assumir o posto e a designação de um conhecimento considerado científico. Por outro lado, a psicanálise responde que essa asserção não é válida, pois não pode ser analisada a si nesses termos, visto que existe uma ‘singularidade’ inerente à sua constituição. No contexto de antes do acontecimento da virada-linguística, jamais existiria a ideia da psicanálise como um ‘conhecimento singular’ e isento de comparações com outras ciências, exemplo disso é o próprio Freud considera-la uma ciência natural e aloca-la nesse contexto por meio de investigações empíricas e teóricas sobre às fundamentações da disciplina Um segundo exemplo é Jung, que nas suas investigações travou um constante contato com às ciências físicas para validar suas concepções. Em suma, o que esses exemplos revelam é que a psicanálise detinha uma relação com a ciência e produzia diálogos com esta e estando em sintonia com os achados de outras áreas. Atualmente se a psicanálise é ciência ou não – após a virada-linguística -

---

, é uma questão de linguagem e não de cientificidade. Isto é, dependendo da forma que manuseia-se as concepções esta poderá ser ou não científica, visto que a linguagem cria a realidade e se quisermos fazer da psicanálise cientificamente válida basta articularmos um discurso. Nessas pressuposições o que conta é o argumento e não os dados empíricos como base do raciocínio. O contrário também é verdadeiro, se quisermos fazermos da psicanálise uma não ciência basta dizermos sem olharmos para os dados empíricos que dizem o contrário, poderíamos citar o trabalho de Forbes (2004) em que discursa contra as relações entre Psicanálise e Neurociências em que diz “A psicanálise não necessita deste tipo de ajuda dos enfeitados do novo tempo. Com Lacan, há mais de vinte anos, psicanalistas se ocupam em mostrar a psicanálise para esta nova forma de laço social, que exige estruturas além do Édipo e do binarismo cartesiano. À ética anterior, marcada pelo saber provado e garantido, anuncia-se uma ética sustentada no desejo, ética das consequências, da aposta, do risco e da invenção” (p. 3). Vemos que a ciência é uma ‘Ética’, isto é, uma forma de constructo e que avaliasse a partir desse referencial de ética em comparação a outras éticas, portanto essa ‘Ética’ de provar as hipóteses e garanti-las por meio do método científico é algo que foi deixado para trás com Lacan! Mas o que isso implica? A redução da ciência à uma Ética implica em produzir uma “moeda de valor” e que esta pôde ser transduzida por outras “moedas” com os seus respectivos valores, em suma o autor deixa de considerar os dados empíricos sobre as relações entre as neurociências e psicanálise (KANDEL, 2003; RIBEIRO, 2003) e advoga à não necessidade dessas relações, uma vez que Lacan instaurou a Ética psicanalítica, a mesma ética ou ‘moeda de troca’ que permite nivelar em termos pragmáticos a utilidade das ciências naturais às ciências humanas, tanto em seu nível teórico, como em seus efeitos e contribuições para a descoberta dos elementos da realidade e intervenções nessas, faz-se isso por meio desse nivelamento, uma vez que produz uma planificação dos conhecimentos e os coloca em posição de igualdade, o que evidentemente não há justificativas para se fazer. Mas o processo dessa descaracterização da ciência e do processo de torna-la algo menor e reduzido, passa pelo o mesmo processo da linguagem que cria a realidade, a crença da psicanálise contemporânea e da filosofia francesa após o giro-linguístico é que linguagem é a realidade, portanto a linguagem é o meio de criação da realidade, portanto a psicanálise é uma ética, da mesma forma que a ciência é uma ética, em termos filosóficos não é possível justificar a ciência como Ética, mas após o giro-linguístico é possível, pois é não é restrição, em suma a realidade é o que se fala e tudo o que se fala é possível, mesmo que não haja referentes na realidade material. O processo de descredito da ciência prosseguiu, vejamos Ribeiro (2015) “Por outro lado temos o Lacan, falando que a ciência é um constructo social, que é jogo de poder e que isso não tinha nada vê com a realidade das pessoas e que não reconhecia autoridade nisso. [...] Assim ficou muito conveniente [...] pois do lado da psicanálise se falava que a ciência era coisa do mal, um negócio de direita e positivista”. Evidentemente podemos presumir que a psicanálise foi transmitida como uma oposição ao mal, à esquerda e ao positivismo, mesmo que paradoxalmente ao que concerne ao positivismo, vemos a necessidade de uma ‘regularização matemática’ dos processos mentais que Lacan produz, até então ao que temos notícias não foi produzido nenhum software computacional com base nessas ‘equações lacanianas’ que nos permita utilizar essas fórmulas matemáticas para determinar ou prever o comportamento ou processo mental, Costa na entrevista com Cesarotto & De Souza Leite (2014) afirma – não sem eufemismo – que Lacan e suas formulações matemáticas são heurísticas e estéticas, uma delas realmente cumpre com a função heurística e estética – fita de Moebius -, visto que é algo inútil na matemática. Importante ressaltar como o matemático descreve que essas representações topológicas e geométricas que

que irá definir a maneira pela qual o astrônomo irá investigar a lua não é o pesquisador, mas sim as propriedades desse satélite natural, portanto terei de utilizar algum instrumento que possibilite o aumento de meu alcance sensorial, logo não posso escolher um binóculo. Assim o que determina os procedimentos, às maneiras e os modos pelos quais irei compreender e aproximar-me de um objeto de conhecimento, é o próprio objeto.

Mezan assume o posicionamento de compreender a psicanálise a partir dos textos clássicos de metodologia científica de Freud n'onde este revela sua epistemologia e o seu modo de fazer ciência, o que acaba por fazê-lo compreender que cada disciplina define os seus métodos – o que é arbitrário e uma leitura no mínimo equivocada da epistemologia Freudiana -. *O que define os métodos são os objetos, cada objeto contém uma particularidade e que só pode ser compreendida mais ou menos bem de uma determinada maneira, e que é específica dadas as singularidades de seus componentes.*

---

Lacan produz são “bonitas” e servem para representar imagetivamente os conceitos lacanianos. Ou seja, apesar de sabermos que as reflexões matemático-psicológicas de Lacan é mero exercício estético e heurístico, e que sua utilidade se expressa apenas em termos pedagógicos e não necessariamente em descoberta científica, compreendemos a partir disso que existem modos simples de transmitir concepções e que evidentemente a intenção de Lacan não era transmitir questões complicadas de modo simples, até por que sua conceituação calcada no R>S>I (Real-Simbólico-Imaginário) é simplória a ponto de não precisar de representações imagéticas. Temos dados históricos que nos revela que é prática comum do giro pós-linguístico a utilização de conceitos das ciências naturais de modo indiscriminado (SOKAL & BRICMONT, 1999) com fins à: (1) transmitir conhecimentos sem base empírica e geralmente de teor especulativo-teórico com linguagem científica com finalidade de promoção desse próprio conhecimento e (2) produzir a equiparação ou igualdade entre ciências naturais com ciências humanas por meio da linguagem e portanto pseudo-equivale-las socialmente e cientificamente, alçando assim o mesmo patamar de autoridade, abrindo espaços que permita denegrir a ciência com foco em sua deslegitimação, como no caso de Lacan que a compreende como constructo social, jogo poder e portanto não reconhece autoridade. É importante compreender o contexto social dessa época na França, um período de maior expressão do pensamento e com variados movimentos sociais ocorrendo, com uma polarização acirrada extrema entre indivíduos da esquerda e da direita, os campos das ciências naturais considerados de direita e os das ciências humanas considerados da esquerda, divisão que permanece até hoje, algo notadamente cultural. Portanto, podemos vê que a intenção de Lacan – mas não apenas deste -, é determinada historicamente, uma vez que outros teóricos fizeram o mesmo na mesma linha. O giro pós-linguístico é um retorno do nominalismo e poderíamos colocar como sendo um nominalismo empobrecido, visto que não há nem substâncias singulares, mas apenas a linguagem em si, poderíamos fazer um comparativo como um retorno também ao Plantão e ao seu mundo das ideias, mas também um mundo das ideias empobrecido, visto que essas são essências enquanto que o giro linguístico advoga uma realidade criada pela linguagem e em específico a criação da realidade por meio da nomenclatura, assim o átomo só existe por que demos o nome de átomo à alguma coisa e assim por diante.



Nessa via a psicanálise seria uma forma de conhecimento distanciada da filosofia e da ciência, e que a nível epistemológico e metodológico quem estaria definindo as maneiras pelas quais se aproximar de seu objeto de estudo, não seria o seu próprio objeto, mas sim os seus pesquisadores e a princípio Freud. É por isto que Mezan no artigo intitulado *Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?* (2007) irá voltar nos textos clássicos de Freud sobre metodologia, assim identificamos mais um dado que nos permite inferir que: o *argumento de autoridade rege o desenvolvimento da psicanálise*, é possível confirmar isto não a partir de Mezan – mesmo que este seja um exemplar que confirma essa tendência -, mas a partir de Foucault sendo citado por Birman:

*O que Foucault pretendia dizer com isso? Diferentemente dos discursos das ciências que se estabeleciam pela referência ao campo conceitual que enunciam e ao dispositivo experimental que constroem, nas formações discursivas o que está em pauta é a articulação do discurso teórico com o nome do autor que o constituiu. Com efeito, enquanto que enunciar as leis da queda dos corpos e da gravitação universal prescindem dos nomes de Galileu e de Newton, os conceitos da psicanálise e do materialismo histórico implicam referência a Freud e a Marx (Foucault, 1969/1994). Além disso, de acordo com o autor, nas formações discursivas existe a operação conceitual de retorno ao momento histórico inaugural das mesmas, como teria ocorrido nos anos 60 do século passado no retorno de Lacan a Freud e no retorno de Althusser a Marx. Enfim, nas discursividades os conceitos são autorais, indicando a referência ao sujeito e ao autor, o que não ocorria no discurso da ciência (BIRMAN, 2013, p. 161).*

Assim podemos ver por que Mezan empreende uma tentativa de compreender a epistemologia da psicanálise a partir do seu próprio arcabouço conceitual e eleva-la ao estatuto de ciência autônoma e independente. Uma vez que os conceitos são autorais – ditos pelo pai - não é necessário investigar a sua realidade objetiva já que estão “prontos” e foram “pronunciados”. Através dessa tendência a psicanálise fecha-se sobre si mesma, faz-se a análise epistemológica a partir dos conceitos psicanalíticos e tudo o que for externo “[...] cairá automaticamente fora da psicanálise” (MEZAN, 1990, p. 50). O que quer dizer que não será aceito, não por ser falso ou verdadeiro, mas sim por que não foi Freud que “revelou”.

A ideia de que as delimitações da psicanálise se fazem a partir da obra de Freud e tudo o que estiver fora disso *não é psicanálise*, revela o caráter religioso da afirmação e que é justificado pela autoridade argumentativa do criador e como bem sabemos, *toda ortodoxia é fundamentada pela autoridade de seu inventor*. O princípio segundo o qual a psicanálise se desenvolve a partir da autoridade de seu criador pode ser melhor sofisticado a partir de uma segunda prova, vejamos:

*Lacan (1969-1970/1991) reconheceu que a transferência era inevitável na relação dos analistas com a comunidade e o saber analíticos. Além disso, existe algo mais a ser reconhecido. Pela inflexão na transferência, que se desloca do trabalho da transferência para a transferência de trabalho, Lacan (1969-1970/1991) enfatizou a existência de uma descontinuidade entre estes registros. O que está em pauta nesta descontinuidade? O imperativo de que o futuro analista se engajasse na produção do saber analítico. Contudo, se esta produção devesse se impor era para possibilitar um destino outro para a transferência de forma que não se cristalizasse na identificação com a figura do analista. Era isso que devia ser evitado pela inflexão decisiva na transferência. Se Lacan (1969-1970/1991) procurava encontrar uma possibilidade de saída para o fim e o destino da experiência analítica que não fosse a dita identificação, era porque esta via estava disseminada na comunidade analítica, promovendo efeitos catastróficos: pela identificação do analisante com o analista não apenas a relação com o saber seria comprometida, como também o futuro analista seria reduzido à condição de repetidor do analista que o forjou. Vale dizer, existiria uma continuidade inquietante entre a cena da experiência analítica e a da comunidade analítica. Portanto, o futuro da psicanálise estaria comprometido seja no registro do saber, seja no da filiação. Dessa forma, a comunidade analítica não funciona pelas regras da comunidade científica, já que pela identificação do futuro analista com o analista a dita comunidade se regula pelos discursos do mestre e universitário (Lacan, 1969-1970/1991). Neste contexto, a compulsão à repetição (Freud, 1920/1981) caracteriza a relação dos analistas com o saber. Nestas circunstâncias não seria possível que a repetição do mesmo se transformasse em repetição da diferença (Deleuze, 1968; Lacan, 1964/1973) para promover a inventividade no saber. Com isso, a repetição do mesmo se cristaliza, funcionando como obstáculo teórico na comunidade analítica (BIRMAN, 2013, p. 153).*

A forma utilizada por Birman para compreender a psicanálise e o seu desenvolvimento fora através do argumento de autoridade. Mais uma vez nos deparamos com o fato de termos de lidar com a ausência de uma epistemologia para analisá-la e recorrermos aos psicanalistas e às suas conceituações, analisando a psicanálise a partir da própria psicanálise.

Se no início Mezan recorreu a Freud, agora Birman recorre a Lacan para explicar o do por que ocorre as “repetições teóricas” e a resposta lacaniana é: por conta da identificação do analisando com o seu analista e de sua cristalização nesse modo relação.

Neste ponto ressalto novamente o que havia dito no início, *não é possível compreender a psicanálise a partir do seu próprio referencial*. Sempre que os psicanalistas fizeram tal movimento ou a tornaram algo autônomo e independente e portanto uma forma de conhecimento singular

desenraizada e a-histórica, como também retornaram aos textos clássicos de Freud ou de Lacan se utilizando do argumento de autoridade destes e fornecendo uma explicação para o desenvolvimento da psicanálise com soluções fáceis, como: “*cada ciência humana define os seus métodos*” ou “*a psicanálise é o que é por conta das identificações do analisando com o discurso do mestre*”, houve o anacronismo teórico que é *compreender uma disciplina a partir dos seus próprios pressupostos*. Essas soluções são pouco satisfatórias e não correspondem de fato – e se correspondem é de modo parcial - o que é propriamente a psicanálise e o que foi o seu desenvolvimento, e o que é atualmente.

Diante disto é mister dizer que os argumentos de autoridade não é algo específico da psicanálise, senão das ciências humanas – sociologia, filosofia e psicologia - enquanto um todo. Se formos analisarmos outras ciências das humanidades veremos que o mesmo ocorre e um exemplo simples é Marx. O famoso discurso do mestre ocorre nas ciências humanas em geral, à mesma moda do retorno à obra de Freud, também ocorre em outras disciplinas, como o retorno à obra de Marx. Portanto, não é uma singularidade da psicanálise essas suposições e, portanto, não podemos considerar enquanto sendo princípios epistêmicos explicativos do funcionamento do desenvolvimento da teoria psicanalítica, mas sim de todas ciências humanas.

Os paradigmas em psicanálise se tornaram uma tendência crescente, mesmo que Renato Mezan (1990) concluísse que para se entender à ramificação das teorias em psicanálise a conceituação de paradigma fosse ineficaz, ainda sim essa ideia vigora. Loparic é um filósofo que assume a tese de que Winnicott produziu uma mudança paradigmática e ele diz isto no sentido que Thomas Kuhn pregou o termo, vejamos:

*Conclui que Winnicott, a fim de fazer progredir a psicanálise, operara uma mudança paradigmática dessa disciplina, no sentido de Kuhn. Nos anos que se seguiram, desenvolveu essa tese e suas consequências em uma série de artigos, e estes, por sua vez, inspiraram um grande número de trabalhos acadêmicos, realizados em diferentes universidades brasileiras onde se tematizou o Gestalt switch que separa Winnicott de Freud e que abre a psicanálise para o futuro (LOPARIC, 2008, p. 142).*

Quando Kuhn se refere a um paradigma está se referindo ao conjunto de práticas ao longo dos séculos. Da Física Aristotélica até a época medieval e daí para a idade moderna com Newton foram 2000 anos. E depois mais 300 anos para Einstein consolidar o novo paradigma. A física já passou por crises e revoluções, por que antes de mais nada é necessário haver tempo para que isto ocorra.

Um paradigma é um processo multissecular – foi até então, agora por causa do processo de desenvolvimento tecnológico está se processando em unidades de séculos - e não emergente à cada 25 anos como estaria acontecendo na psicanálise – caso a teoria dos paradigmas em psicanálise esteja correta -, essa forma de argumentação é suficiente para descaracterizar essa transposição conceitual de lá para cá, além disso não é possível utilizar as categorias que Thomas Kuhn utilizou para a analisar as ciências da natureza, uma vez que essas categorias foram retiradas de um objeto muito bem estabelecido e com características singulares.

Quando Thomas Kuhn se referia ao estágio pré-paradigmático não se referia a psicanálise, mas sim a Psicologia com as suas diversas correntes. Uma coisa que deve ser dita é: *a epistemologia não é determinada pelo teórico que a produz, mas sim pelo objeto investigado, a epistemologia é uma teorização sobre um objeto da realidade e esses objetos são diferentes, não podendo haver uma transposição conceitual indevida pois seria enquadrar a representação no objeto desfigurando aquilo que ele é propriamente.*

Mezan já nos alertava dos perigos em se utilizar dos conceitos de Kuhn para compreender um objeto com peculiaridades como os da psicanálise:

*Mas talvez convenha deixar completamente de lado a terminologia sugerida por Kuhn para a história das ciências naturais, cedendo à evidência de que a psicanálise não é uma ciência como as que comportam o uso desta noção, e procurar discernir do modo mais exato possível como se organiza em psicanálise a dispersão das perspectivas teórico-clínicas. Em outros termos, talvez convenha elaborar uma epistemologia regional da psicanálise que faça justiça ao tipo de pluralidade que se observa no nosso campo, que não é equivalente nem ao verificado na esfera das ciências naturais, nem ao proporcionado pela história da filosofia (MEZAN, 1990, p. 52).*

Mas essa forma de teorização incauta é vista em Birman que diz:

*Nesta perspectiva, a formulação de diferentes paradigmas são respostas do campo psicanalítico para se confrontar com a emergência de novas modalidades de mal-estar. Por isso mesmo, tais paradigmas devem ser diferentes, pois a materialidade destes é também diferente, pelas variações históricas do mal-estar, na modernidade e na contemporaneidade (BIRMAN, 2013, p. 164).*

Nesse sentido em Freud existiria ao longo da sua obra uma miríade de paradigmas e o primeiro deles seria o modelo da histeria ou paradigma da divisão psíquica “Foi pela leitura da histeria que o paradigma da *divisão* psíquica pôde ser formulado [...] (BIRMAN, 2013, p. 165). O segundo paradigma formulado foi o da perda e do trauma:

*Com o incremento da violência e da crueldade nos anos 10 do século XX, o paradigma freudiano inicial foi questionado. Assim, a explosão da 1ª Grande Guerra indicou uma inflexão nas subjetivações, de maneira que a perda (Freud, 1915/1968) e o trauma (Freud, 1920/1981) foram colocados na cena do novo paradigma freudiano (ibid., 165).*

Em seguida temos o paradigma que se encontra em Totem e Tabu:

*Surpreendido com o alto nível de violência perpetrado pela 1ª Grande Guerra, Freud (1915/1981) teve que constatar que a interdição de matar era válida em condições de paz e que a autorização para matar era o imperativo na guerra. Assim, se o Estado interditava a violência e a morte na paz, no perímetro de seu Estado-nação, em contrapartida incentivava a crueldade na guerra. Com isso, a constituição da ordem social na modernidade, empreendida em Totem e tabu (Freud, 1913/1975), fundada na desconstrução da condição de exceção do pai da horda primitiva e da disseminação da igualdade dos cidadãos, caiu por terra. Neste contexto, a França, a Alemanha e a Inglaterra, vanguardas do processo civilizatório pelos seus altos níveis científico e econômico, evidenciavam nas guerras a fragilidade da razão para se contrapor à barbárie. Do ponto de vista ético, com efeito, a modernidade estaria mais próxima da barbárie do que as sociedades primeiras, estas bem mais civilizadas, pois respeitavam o interdito de matar. Portanto, Freud (1915/1981) criticou o modelo evolucionista do Ocidente desde o século XIX, indicando que a barbárie se inscrevia na civilidade ocidental e não nas sociedades primeiras (ibid., 166).*

E por fim temos o 4º paradigma:

*Em seguida, em “Psicologia das massas e análise do eu” (Freud, 1921/1981), o discurso freudiano inscreveu no Estado-nação na paz o que já delineara nas relações entre os Estados-nação na guerra. Com efeito, a violência se disseminaria nos Estados-nação, pelo narcisismo das pequenas diferenças, nas escalas individual e coletiva. Vale dizer, a moral na guerra promoveria as mesmas relações que na paz pela impossibilidade dos cidadãos de respeitarem as diferenças. Assim, a tese de Totem e tabu (Freud, 1913/1975) foi desconstruída em “Psicologia das massas e análise do eu”, quando Freud (1921/1981) enunciou que o homem seria um animal de horda e de massa, pois buscaria se instituir como exceção. O desdobramento disso foi formulado em “Análise terminável e interminável” quando Freud (1938/1986) enunciou que existiam práticas sociais impossíveis, quais sejam, educar, governar e analisar, pois as pulsões não seriam disciplinadas e por isso a condição de horda se inscrevia no sujeito. A construção do novo paradigma se apoiou nestas linhas de força. Assim, Freud (1920/1981) enunciou o conceito de pulsão de destruição em um outro dualismo pulsional, estabelecido entre as pulsões de vida e de morte. Foi neste contexto que o masoquismo, como forma primária de subjetivação, passou a se opor ao sadismo (Freud, 1920/1974), em outras bases, opostas ao que fora estabelecido antes (Freud, 1905/1962). Assim, a experiência da perda foi colocada no centro do novo paradigma, indicando a importância da melancolia. Ao lado disso, o modelo do trauma passou a ser igualmente privilegiado na sua conjunção com o da perda (Freud, 1915/1968), colocando em evidência a compulsão à repetição (Freud, 1920/1981) no horizonte do mal-estar. Este passou a ser interpretado pelos modelos da melancolia e do trauma, que se disseminaram como signos do mal-estar na modernidade (ibid., 167).*

Portanto, em Freud encontramos 4 paradigmas. Vemos que a compreensão conceitual de Freud não se dá através de um processo paulatino de progressão e regressão, de acertos e erros. Mas é na verdade um processo no qual a linguagem irá expressar um material da realidade e, portanto, o discurso se torna válido, como todos os outros discursos o são. Nessa perspectiva não existe certo ou errado, mas existe os jogos de linguagem, assim qualquer teorização é válida. Nessa via a tese pós-moderna ou tese linguística de que a realidade é discurso e mudando o discurso muda-se a realidade encontra-se nessa tradição. Onde as rotações dos discursos, intercâmbio das palavras, o produzir do significado, todas as conceituações lacanianas ganham estatuto de cientificidade – mesmo tendo pouca fundamentação -. O relevante nessa tradição não é a fundamentação dos postulados e coerência entre eles, mas sim que a “verdade é de cada discurso”. Assim a ciência é uma forma de discurso, não ciência. Portanto se a ciência é uma forma de discurso que discursa sobre átomos ou células nervosas - e essas passam a existir por causa de sua expressão linguística -, não pelo fato de existirem anteriormente à qualquer nomeação dada à elas, mas sim por que dizemos que elas existem, logo podemos ver que se alterarmos os nomes,

mudamos às realidades, tendo isto em vista às doenças mentais deixam de existir, assim passasse à haver uma inexistência de esquizofrenia por que o que vem a ser na verdade – esquizofrenia - é uma *forma de singularidade*. Aqui o movimento da despatologização se produz, alterando-se os termos e às nomenclaturas deixa-se de ser o que é o objeto e a sua realidade transforma-se.

Não obstante, a argumentação contra essa tese poderia se dá através dessa própria tese, no sentido – o discurso que me dizes é meramente discurso, o que faz a sua narrativa ter maior legitimidade do que a minha? Não seria também um mero discurso? O seu discurso, o meu discurso... Qual a necessidade de produzirmos discursos, se no fim das contas são todos iguais? -.

Uma solução para essa problemática é identificar o quanto a linguagem nos afeta e em quais níveis há um real efeito proveniente da alteração e das configurações relacionais da mesma. Pois é evidente que a linguagem não transforma a realidade. O fato de darmos nome ao nosso sofrimento não nos faz deixar de sofrer, o que por outro lado não quer dizer que a linguagem não tenha efeito em realidade, ela tem um efeito e o produz, mas ele não é um efeito na magnitude como proposto de curar sintomas e psicopatologias ou até mesmo de produzir revoluções sociais como proposto por Deleuze & Guattari (1985).

Assim a tese de Birman expressa que Freud produziu paradigmas e, portanto, jogos de verdade. Deste modo Lacan possivelmente terá paradigmas – que não são contraditórios, visto que são discursos entre discursos - em sua obra e, portanto, é considerado enquanto verdadeira suas palavras, uma vez que expressa a realidade. Não obstante, o ponto norteador da teoria lacaniana é que o inconsciente é constituído por linguagem, assim a sociedade é linguagem, as estruturas sociais se tornam linguagem e as criações humana também.

Não obstante há controvérsias sobre a tese lacaniana e convenhamos que os fatos nos revelam além disso, outros psicanalistas encontraram na conceituação de inconsciente expressão de outros fenômenos que não unicamente/prioritariamente linguagem.

Loparic irá dizer “Recentemente, indiquei que o paradigma winnicottiano pode também salvar a psicanálise do mero “entreguismo” a “federação” das neurociências cognitivas (FULGENCIO, 2008, p. 13-14 apud LOPARIC, 2008, p. 142).

A ideia de que Winnicott poderá salvar a psicanálise é muito comum em Loparic, como também as ideias de que Winnicott fez uma revolução paradigmática na psicanálise. Quero fazer algumas considerações sobre essas proposições para trazer à tona a real circunstância de como as coisas o são.

Um paradigma quando ocorrido faz com que todos os indivíduos que estejam divididos entre teorias se tornem unificados. Um exemplo clássico é na física, dificilmente teremos físicos em universidade se autoproclamando “*eu sou físico de orientação aristotélica*”, como bem o sabemos

os únicos que estudam física aristotélica são filósofos, uma vez que sua disciplina não tem utilidade prática – diferente dos físicos que suas elaborações acabam por repercutir em mudanças tecnológicas -.

Todos os físicos que estejam em universidade produzindo pesquisas estão totalmente centrados nos últimos avanços da física. Um paradigma é isto, faz com que todos os indivíduos de uma disciplina se direcionem para um único campo produzindo experimentações e teorizações apenas nessa área.

Winnicott seria realmente um paradigma revolucionário na psicanálise? A psicanálise em si é um paradigma? Nos centremos nessas reflexões e vejamos onde podemos chegar.

Partindo do pressuposto de que um paradigma faz com que todos os indivíduos se direcionem para apenas uma área, podemos perceber que isto não ocorre na teoria winnicottiana. Será que algum psicanalista deixou de ser Kleiniano para ser Winnicottiano ou de ser Junguiano e passou a ser Reichiano? É evidente que não, e isto é mais um motivo para compreendermos o quanto a noção de paradigma é deficiente quando utilizada em psicanálise e para compreender este campo. A ideia de Loparic de dizer que Winnicott produziu uma revolução é equivocada, uma vez que não existe revolução na psicanálise, caso contrário não existiria *psicanalistas freudianos*. Desse modo como poderíamos falar então em revolução? Isto é equivalente a dizer da existência de físicos aristotélicos no contemporâneo. Esta evidência é suficiente para nos revelar a incompreensão que existe em nós sobre o desenvolvimento da psicanálise e de suas ramificações e proliferações. Leopoldo Fulgêncio diz:

*Mesmo reconhecendo a situação atual da psicanálise – uma espécie de Torre de Babel, tal como afirma Green (2005b, p. 44) referindo-se a um diálogo com Bion – considero, seguindo a perspectiva formulada por Thomas Kuhn (1975, 1977, 2006), que a psicanálise encontra-se no período pré-paradigmático de seu desenvolvimento como ciência.*

*Com efeito, seu amadurecimento deverá levar a um paradigma que, mostrando-se de maior valor heurístico, possibilite uma série de integrações das propostas atuais que digladiam-se pela hegemonia nesse campo. Essa integração, por sua vez, implica em inclusões e exclusões, tal como ocorre no processo de desenvolvimento das espécies em que algumas sobrevivem e se impõem, enquanto outras são levadas à extinção (2013, p. 492).*

*As ramificações inerentes às ciências humanas não sobrevivem por processos de seleção natural, mas permanecem mutuamente. As teorias nunca são excluídas e deixadas de canto, mas*



*são estudadas por seus seguidores que por conta da hegemonia do grupo e institucionalização mantém o arcabouço cultural vivo e dinâmico mesmo que não haja avanços teóricos. Os indivíduos não aderem a uma determinada teoria - utilizemos como exemplo às teorias psicanalíticas - winnicottiana pelo fato dela ser mais "científica" do que às outras e por sua vez um Junguiano não adota à própria teoria junguiana por ela ter uma compreensão dos processos sociais de maneira mais abrangente do que qualquer outra concepção psicológica.*

*O que está em jogo na manutenção de uma teoria nesses campos não é o valor de cientificidade como na física Aristotélica, Newtoniana e depois Einsteiniana. Mas inclui também uma característica da identidade do grupo, o indivíduo se agrega a uma teoria por motivos que são mais afetivos do que racionais. Estou propondo uma pressuposição epistêmica de que às escolhas feitas entre uma escola e outra, não é feita através da racionalidade e pelo fato de uma abordagem conseguir explicar um fenômeno melhor do que outro, mas sim por conta das identificações que o sujeito tem em relação a uma determinada teoria, se esta ou aquela teoria satisfaz os anseios psicológicos do indivíduo que a adere.*

Um argumento exemplar disso é que é muito fácil de quebrar com os conceitos pilares de qualquer teoria desse campo. A tese de Winnicott de que a criança comete um ato delinquento por conta de uma privação, é verdadeira, no entanto não é de toda verdade, pois a criança comete um ato infracional por outros motivos do que apenas a ausência do suposto holding que fora perdido. Estudos recentes demonstram que a criança comete atos infracionais por motivos relacionados a pressão social, uma vez que adolescentes estão vulneráveis nessa idade ao grupo de identificação. Uma contra-tese poderia ser, mas é provável que esta criança tivesse tido um ambiente insuficiente e a minha redarguição é, o ambiente suficientemente bom não se mede através do parâmetro subjetivo, mas sim geral (SANTOS, 2017). Pois caso contrário, toda forma de perturbação comportamental poderia ser reportada à etiopatogênese da ausência de holding.

Uma mãe que deu carinho e produziu o manejo winnicottiano poderia ser acusada de não ter sido suficiente, mas ela o foi, na verdade era a criança que tinha necessidades fora do comum devido a processos congênitos, característicos da personalidade. Aqui é importante ressaltar: na tese winnicottiana, existe de certa maneira uma expulsão de processos biológicos ou inatos, é uma concepção se pudéssemos rotular, externalista.

A ideia de que todo ser humano tende ao pleno desenvolvimento e integração é real, já o potencial das pessoas de o produzirem é discutível. Essa ideia vai de encontro com Dasein Heideggeriano que assume em sua conceituação uma continuidade de ser ininterrupta, sem bloqueios e inibições no processo. É necessária uma teorização profunda sobre essas conceituações de maneira a se aproximar da realidade concreta da condição humana, não que estejamos no

caminho incorreto, mas que possamos sempre estar nos aproximando e tendo maiores níveis de precisão na conceituação e, por conseguinte na operacionalização das pesquisas.

Um outro conjunto de ideias – não de todo veredito, mas aceito - é aquele que permite a aceção de uma pulsão de morte, tese que fora muito debatida por Reich e Winnicott que à assumiram enquanto equivocada. Seja Winnicott, Freud, Jung ou Reich que postulem uma concepção e esta estando ou não em maior ou menor medida com um viés isto não abala o constructo em geral dos autores, pois o sistema teórico em sua completude e as identificações do sujeito que a adere permite *subsumir* os impasses através da incorporação na personalidade dos elementos considerados positivos que se encontra na teoria e que contrabalance-a o negativo e positivo, o errado e o correto, *mas que a nível psicológico não é chegado à consciência de que a parte – equivocada - tornou-se negligenciada em detrimento de salvaguardar a totalidade positiva da teoria e por sua vez a personalidade do sujeito, uma vez que, as teorias quando subjetivadas tornam-se personalidade, a destruição da teoria é a destruição da personalidade.*<sup>3</sup> Por isso delas se manterem inabaláveis e inquestionáveis como faz Mezan em relação a Freud, analisando a psicanálise a partir do próprio Freud, o que revela o fechamento sobre si mesmo e a incapacidade de ver-se pelo lado de fora da psicanálise e apenas por dentro de si. Da mesma maneira que Birman faz suas afirmações a partir de uma suposição Lacaniana de que “cada discurso detém a sua verdade” e, portanto, cada verdade é uma verdade sendo elas incompatíveis. Daqui erige-se o fato de que através de sua teorização ele conclui a existência de quatro paradigmas Freudianos o que quer dizer que Freud supostamente teria produzido quatro formas de teoria ou melhor quatro Psicanálises distintas. E a partir disso afirma “Por isso os diferentes paradigmas produzidos na história da psicanálise seria também incomparáveis” (BIRMAN, 2013, p. 174). Resumindo, sendo discursos diferentes e detendo cada qual sua verdade, não é possível haver comunicação, pois o discurso é a verdade, portanto se os discursos forem diferentes produziram realidades díspares e assim não é possível uma discussão sobre tais questões. Birman tem enquanto matriz de suas especulações o quadro teórico de Lacan e assim o reproduz. Assim o que venho alegando de que os psicanalistas produzem epistemologia da psicanálise a partir da própria psicanálise torna-se materializável. A implicação disso é que essas análises reproduzem os argumentos de autoridades de Freud e Lacan e, portanto, a epistemologia de ambos. Falar da epistemologia de Freud ou de Lacan – e a partir de si mesmas - não demonstra o real movimento da psicanálise com sua plêiade de ramificações e variedades. Nem mesmo a especulação de Birman quanto aos quatro paradigmas

---

<sup>3</sup> O estudo das religiões e o modo pelo qual essas são constituídas fornece um conhecimento de base para a compreensão do funcionamento das ciências humanas. A lógica da religiosidade institucionalizada que perfaz críticas às outras formas de religião subjaz em seu seio a ideia de despotencialização do outro enquanto uma forma de potencialização de si própria.

psicanalíticos é plausível de sustentabilidade e aqui remeto o leitor à Zimerman (2009) e Knobel (1986).

Quanto às teses de Mezan – apoiadas em Maurice Dayan - sobre o fato da psicanálise estar balizada apenas pela obra de Freud e pela prática psicanalítica é muito questionável, uma vez que o espaço da Psicanálise em relação à alternativos campos se imbricam sem necessariamente deixar de nomear determinada outra prática – em distinta área - de psicanalítica. Só para dar um exemplo são os experimentos na argentina dos Grupos Operativos de Pichon (1977) que combina materialismo-histórico dialético e Psicanálise Kleiniana, creio que até então ninguém deixou de dizer que o que Pichon fez não foi psicanálise simplesmente pelo fato dele não ter feito uma psicoterapia dentro dos enquadres clínicos tradicionais. Sobre a questão da obra – e desta ser a base da psicanálise -, creio ser importante deixar aberta à discussão sobre o que é propriamente à Psicanálise, uma vez que às contribuições da Filosofia e dos autores do romantismo permitem uma ampliação dos nossos horizontes, creio que formalmente é importante sabermos que a Psicanálise é o que Freud fez, mas por outro lado não é viável negligenciar os dados históricos de que os pressupostos psicanalíticos não comparecem necessariamente na obra de Freud, mas sim o precede.

O que existe de implícito nesse processo dos autores de se restringirem a usar à própria psicanálise para fazer epistemologia dela mesma é que “olhar pelo lado de fora” é receber afirmações, suposições e críticas dessemelhantes e que por serem divergentes se tornam *não assimiláveis* dentro das “revelações psicanalíticas” o que acaba por acarretar na rejeição plena dessas afirmações sendo invariavelmente impossível de se discutir qualquer questão que não seja através da “auto-análise psicanalítica”. Aqui se encontra uma ausência de abertura e um possível impedimento de avanço.

Além disso fatores afetivos se encontram nesse espaço e que estão relacionados à identificação desses psicanalistas com suas próprias abordagens. Mezan numa identificação com Freud, Birman com Lacan, Loparic e Fulgêncio com Winnicott. Todos esses psicanalistas tentam fazer epistemologia da psicanálise, mas todos invariavelmente o fazem a partir de preceitos arbitrários, preceitos esses que tendem a ir em direção a corroborar os valores e predileções teóricas que cultivam, mesmo que não necessariamente correspondam ou se aproximem da realidade de como às coisas o são. Vejamos como isto se dá.

No primeiro caso com Mezan vemos à ideia de que o que baliza o campo da epistemologia da Psicanálise é a obra de Freud e a prática psicanalítica, que como foi demonstrado por mim não corresponde à realidade tal premissa epistêmica, primeiro por que os pressupostos psicanalíticos antecedem à Freud e segundo por que existem outras formas de práticas que não psicoterapêuticas, mas que são psicanalíticas. Portanto sua ideia de que a Psicanálise é um saber ímpar-singular e que não pôde ser colocado ao lado da Filosofia ou da Ciência torna-se obsoleta. Como também sua

ideia que se encontra no texto *Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? (2007)* n'onde define a episteme psicanalítica a partir das palavras de Freud e não do desenvolvimento que se deu da própria psicanálise. Essa asserção parece justa de minha parte visto que a Química não é definida a partir da Alquimia, nem a Sociologia a partir da Física Social e muito menos através de seus criadores – no primeiro caso Hermes Trismegistro e no segundo Auguste Comte -, mas sim por intermédio do desenvolvimento de ambas disciplinas. Hoje a Química tem à sua definição de acordo com o seu desenvolvimento ao decorrer de sua história e que culminou numa delimitação dos seus objetos de investigação e o mesmo ocorreu na Sociologia. Contudo para isto ocorrer teve de haver uma constante correspondência entre Química e às outras áreas do saber, como Física e Biologia. Houve aí um espelhamento para que conforme o tempo se autorregulasse e adequasse os seus próprios objetos, pois caso a Química permanecesse se autoanalizando a partir da Alquimia permaneceria no mesmo local. Assim intento demonstrar como à tentativa de definir a Psicanálise enquanto uma disciplina a partir dos seus próprios postulados se torna algo falho e mantém o isolamento e o não avanço do campo, exatamente por olhar-se a si mesmo através de si mesmo. Essa é a proposta de Mezan. Espero que tenha conseguido demonstrar aqui às falhas das suposições desse autor ou ao menos demonstrado algumas inexatidões.

No caso de Birman podemos ver que sua percepção sobre a epistemologia da psicanálise está calcada numa matriz Lacaniana, através daquilo que possivelmente seria a “verdade do discurso”. No entanto esses discursos de verdade não nos permitem avançarmos em nossos estudos sobre como se constitui às diversas teorias psicanalíticas, uma vez que qualquer teoria emergente é considerada um jogo de verdade, assim não tem por que buscarmos ou investigarmos à proliferação das teorias ou suas motivações de assim o acontecer. Esse meio de abordagem do tema implica em dizer que às teorias se multiplicam e se constituem por conta das formas de mal-estar em determinada tempo histórico e que por sua vez produz determinadas condições biopolíticas que acarreta na produção de uma teoria que se estabelece enquanto um jogo de verdade – origem dos quatro paradigmas Freudianos -. Não obstante, apesar da leitura de que se ocorre variações no mal-estar e este é reflexo das variações biopolíticas, podemos perceber que os jogos de verdade que se constituem não detém apenas uma verdade inerente e restringida em sua condição histórica de emergência. Até por que o paradigma da histórica ele permanece, esse quadro clínico não desapareceu simplesmente pelo fato de ter havido maior abertura para às formas de relação sexual. O que revela a ideia de que não basta alterar-se os determinantes sociais que produzem uma forma de mal-estar para o quadro desaparecer. Assim a ideia de jogos de verdade e portanto a sua “incomparabilidade” como colocado por Birman torna-se pouco defensável, uma vez que os desenvolvimentos posteriores da teoria psicanalítica - e que são outros paradigmas -, poderiam muito bem explicar o do porquê da permanência do quadro clínico mesmo tendo havido a remoção dos determinantes sociais de causa do “mal-estar” e portanto que daria origem aos jogos de verdade

e ao paradigma da histórica. Aqui podemos perceber então que os paradigmas são na verdade comparáveis e articuláveis não podendo ser usado enquanto modelo de justificação a ideia de que os jogos de verdade são incomunicáveis e que o fato de haver uma dispersão na psicanálise se dá pelo fato de que os determinantes sociais produzem forma de mal-estar e biopolíticas variáveis que dão origem à teorias que se tornam jogos de verdade para dar conta dessas mesmas formas de mal-estar. Uma prova disso é simplesmente o fato de que mesmo havendo tido a remoção dos determinantes sociais que causavam a histeria – repressão sexual -, esse mesmo quadro clínico permanece atual e, no entanto, sabe-se hoje que os motivadores psíquicos para se produzirem uma histeria são diversos e não necessariamente elementos sexuais recalcados.

A solução proposta pelo autor nem de longe desvenda os meandros pelos quais à psicanálise se constitui ao decorrer do século, isto é, sua dispersão, desenvolvimento e sua forma atual. Como também não responde por que supostamente Freud teria criado – quatro paradigmas -. Determinantes sociais produtores de mal-estar e por conseguintes variações biopolíticas? Provavelmente não. Histerias, neuroses, perversões e psicoses permanecem mesmo tendo havido às transformações sociais que provavelmente permitiria à emergência dessas mesmas patologias e o seu conseqüente desaparecimento. Por outro lado, não estamos na época da repressão sexual, muito menos da 1º Guerra Mundial e ainda sim os “paradigmas” daí oriundos de Freud permanecem e até mesmo sendo utilizados por outras ciências como a Medicina Psicossomática. Prova de que os supostos paradigmas permanecem para além daquilo que seria propriamente o seu tempo histórico e que eles não são apenas uma criação efêmera e passageira e que quando haver a remoção da situação histórica haverá a remoção do paradigma e a sua obsolescência.

É importante ressaltar que Freud não fez teorizações com o intuito de compreender o seu tempo histórico, mas sim com a intenção de compreender o ser humano em sua essência e com o ideário científico de sua época. Suas descobertas reverberam no tempo e hoje são apropriadas pelas Neurociências.

Assim não é possível dizer que os diferentes paradigmas são incomparáveis, muito pelo contrário algumas teses são extremamente pertinentes e formam uma totalidade complexa e coerente. O erro de Birman se dá por querer compreender Freud através de concepções de sua época, ou seja, da pós-modernidade com Lacan e Foucault que são autores que mais se especificam em questões de linguagem e política do que propriamente de Epistemologia e Filosofia da Ciência, como também de Psicologia. Assim existe um equívoco de foco, Birman analisa Freud através de concepções Lacanianas e Foucaultianas, eis por que chega às conclusões dúbias e com pouca fertilidade teórica para compreensão da Epistemologia na Psicanálise. A sua falha é a mesma que todos os psicanalistas cometem ao se pronunciarem sobre Epistemologia da Psicanálise que é analisar a Psicanálise a partir de si mesma, isto ocorreu com Mezan como demonstrado por mim e

ocorre com Birman analisando a psicanálise a partir de sua própria psicanálise lacaniana. Daí os equívocos e mais uma vez ressalto que não é possível fazer epistemologia da psicanálise a partir de si mesmo e dos seus próprios referenciais, por que caso contrário o que irá ocorrer é uma tautologia, não se descobre ou compreende o que acontece, mas apenas reproduz o que os próprios “mestres” disseram e não diz nada sobre o que eles criaram ou sobre como está se desenvolvendo aquilo que criaram.

Já Loparic é um filósofo que trabalha com a questão da Epistemologia da Psicanálise, no entanto se utiliza do referencial de Kuhn de modo inapropriado como demonstrado por mim. Nesse caso como podemos ver existe uma tentativa de convencimento por parte do autor de trazer a ideia de que Winnicott produziu uma revolução na psicanálise, o que na verdade é uma aceção sem fundamentação. Se houvesse tido uma revolução na psicanálise a partir de Winnicott, todos seriam Winnicottianos o que evidentemente não aconteceu, já que existe psicanalistas Freudianos. Assim podemos visualizar que o modo de teorização sobre à Epistemologia da Psicanálise por esse autor torna-se improfícua e com pouca base sólida para compreensão do que acontece atualmente. No caso de Loparic podemos ver que sua tentativa fora louvável, uma vez que tentou observar a psicanálise não a partir de si mesma como fizera Mezan e Birman, mas sim através da própria epistemologia e dos próprios estudos epistemológicos. Nesse sentido podemos perceber um avanço, existe uma tentativa e, portanto, ela é notável. De Loparic e de sua obra retiramos uma análise que faz através da concepção de Kuhn das características dos supostos paradigmas psicanalíticos, nesse sentido temos muito a fazer e esse trabalho já está pronto e continua sendo produzido. Os ganhos nesse sentido se fazem por entendermos melhor às bases epistêmicas sobre qual se apoiam às diversas teorias psicanalíticas. Esse é um ganho positivo e um avanço, outro avanço é ter visualizado a psicanálise a partir dos estudos de filosofia de ciência apesar de não ter tido grande êxito nessa tarefa.

Um outro autor que analisa a psicanálise a partir de si mesma é Luís Cláudio Figueiredo (2012), vejamos:

*Na ausência de uma compreensão mais abrangente e profunda do nosso espaço de dispersão, experimenta-se um sutil mal-estar que poderia ocasionalmente converter-se em episódios de angústia. Se esta não aparece claramente é por que contra ela logo emergem duas reações muito típicas e perniciosas: o dogmatismo e o eclétismo. No primeiro caso, o psicólogo em formação ou já formado tranca-se dentro de suas crenças e ensurdece para tudo que possa contestá-las. No segundo adota indiscriminadamente todas as crenças, métodos, técnicas e instrumentos disponíveis de acordo com a sua compreensão do que lhe parece necessário para enfrentar unificadamente os desafios da prática.*

*É preciso perceber o que estas duas defesas contra a angústia têm em comum: elas bloqueiam o acesso à experiência. No caso do dogmatismo a minha afirmação deve parecer óbvia: quem se agarra aos sistemas como taboa de salvação não só não pode ouvir as interpelações que viriam de outras vozes teóricas (que ficam de antemão desqualificadas), mas também não se permite ouvir o que a sua prática tem a dizer, salvo na medida em que se encaixe no esquema do que o psicólogo pensa que sabe. Eu não estou aqui defendendo uma posição ingenuamente empirista; sei muito bem que as teorias são indispensáveis para que se torne inteligível o campo das experiências; são elas que nos ajudam na tarefa de configuração deste campo e sem elas estaríamos desamparados diante de uma proliferação de acontecimentos completamente fora do nosso manejo. Contudo, o reconhecimento deste papel para as teorias e, mais amplamente o reconhecimento de que não há experiência sem pressupostos não se pode confundir com o aferramento dogmático a um conjunto de crenças que resulte na própria impossibilitação de qualquer experiência nova.*

*A posição eclética apenas aparentemente escapa deste cativeiro: ocorre, na verdade, que o eclético lança mão de tudo, sem rigor e sem compromissos, a partir de um plano de compreensão que, este, nunca é questionado: o do senso comum. É neste nível do senso comum que o eclético acha que “no fundo” existe uma unidade entre as teorias e sistemas, que as técnicas e instrumentos se complementam, que ele as avalia, que ele supõe identificar as necessidades de seus clientes, etc, etc. A prisão do senso comum é mais invisível exatamente por que é a mais próxima e envolvente, mas ela é, tal como a do dogmatismo, um limite e um bloqueio. De fato, seja enclausurado dogmaticamente na sua teoria ou ingenuamente enclausurado no senso comum o psicólogo que cede à tentação de escapar da angústia através destas formas bastardas de unificação perde a capacidade de experimentar (FIGUEIREDO, 2012, p. 18).*

Podemos ver como o autor faz sua articulação para compreender a dispersão no campo psicológico. Explica o dogmatismo e o ecletismo enquanto sendo formas de reações à um mal-estar que se configura numa forma de angústia e esta é manejada pelo sujeito através de uma defesa reacional ocasionando aí num dogmatismo e ecletismo por parte dos psicólogos enquanto forma de lidar com a dispersão no campo psicológico que causa um sentimento de incômodo. No entanto sua análise da dispersão no campo psicológico nos permite vê os efeitos que esse fenômeno ocasiona nos indivíduos que estão permeados por esse próprio campo. Mesmo se utilizado de uma conceituação Kleiniana enquanto ferramenta teórico-conceitual houve aí um aumento da compreensão do campo, apesar de não ter havido uma compreensão da dispersão em si, mas sim dos efeitos dela sobre os indivíduos. Sua forma de análise é interessante, no entanto é limitada. Já

que não se pode afirmar que os indivíduos se depararam com uma angústia diante do campo psicológico dado sua dispersão. Analisemos os fatos.

Na verdade, não há um desconforto por parte dos estudantes de psicologia em relação a dispersão da Psicologia. Todo estudante de psicologia tem suas dúvidas, mas não chega a ser uma angústia que causalmente os faria aderir um posicionamento de dogmatismo e ecletismo, se bem que esses posicionamentos eles são existentes, no entanto suas motivações e causalidades não são oriundas de mecanismos de defesa. Aqui podemos analisar quais são as motivações e suas causalidades e ao mesmo tempo já fazer a enunciação de que produzir epistemologia da psicanálise a partir do próprio arcabouço teórico psicanalítico é limitar nossa visão do que possivelmente é a dispersão no campo da psicologia ou da psicanálise. Avancemos.

Existem vários motivos para os alunos de psicologia aderirem à uma abordagem ou outra. Os discursos produzidos por alunos de psicologia prestes a escolherem uma orientação psicológica são inúmeros e variados. O mais importante a ressaltar é que o critério de escolha na amostra levantada por mim, jamais foi o critério de cientificidade. Vejamos alguns discursos.

Uma professora que leciona no ensino superior em psicologia disse *“Eu jamais consegui entender psicanálise, muito difícil a terminologia empregada pelos os psicanalistas. Eu nunca consegui me imaginar falando através dos termos da Psicanálise. Aí um dia eu estava lendo Rogers e eu entendi o que Rogers dizia. Até hoje eu amo a Abordagem Centrada na Pessoa”* [SIC]. Podemos ver que o critério de escolha da orientação psicológica foi o quociente intelectual da pessoa, isto é, o seu critério de escolha foi simplesmente o fato de não compreender a terminologia da psicanálise. Portanto, leu Rogers e compreendeu o que ele estava dizendo e assumiu isto enquanto sendo sua abordagem teórica. Sua motivação para aderir à essa abordagem não foi critérios de validade científica pelo fato da Psicanálise não dar conta de explicar certos fenômenos. Mas ao contrário, foi simplesmente um critério subjetivo de buscar uma orientação menos incômoda de ser absorvida e compreendida pelas suas limitadas capacidades cognitivas e que estivesse dentro do rol de possibilidades da Psicologia.

Uma segunda aluna – atualmente psicóloga clínica - aderiu à Psicologia Cognitiva pelas seguintes motivações *“Eu escolhi Psicologia Cognitiva por que ela é uma abordagem não relativista. Ela já tem pronto às perguntas e às respostas a serem dadas. Não é preciso ficar pensando muito, basta aplicar o questionário e mandar fazer às tarefas. No caso da Psicanálise tem de refletir, não gosto disso”* [SIC].

Mais uma vez o critério não foi de validade científica, mas sim o da praticidade operacional clínica que a Teoria Cognitiva permite. Jamais o critério utilizado por essa pessoa foi o de que a Teoria Cognitiva tem eficácia no tratamento de diversos distúrbios mentais. Ao contrário disso, simplesmente aderiu a abordagem por que ela facilita o seu próprio trabalho no cotidiano.



Com isso quero demonstrar que o posicionamento de dogmatismo ele ocorre, mas não por que os indivíduos se deparam com uma angústia existencial pelo fato de haver inúmeras possibilidades no infinito oceano da ciência psicológica – é bem menos do que isso -. O dogmatismo nessa via ocorre por que esses indivíduos aderem à uma teoria para satisfazer suas próprias necessidades psicológicas. No primeiro caso da professora que adere Abordagem Centrada na Pessoa, o faz simplesmente por que sua capacidade intelectual é mediana e esta abordagem por ser acessível a ela satisfaz suas necessidades e anseios. Assim ela adentra num dogmatismo e defende sua orientação e ataca outras abordagens, uma vez que existem também às críticas clichês – pré-existentes - das abordagens umas em relações às outras que na aparência faz com o que o indivíduo sinta que sua escolha pela Abordagem Centrada na Pessoa foi racional e científica, uma vez que existem críticas – sem fundamentação, mas que são produzidas – que acabam por validar sua própria abordagem. Nesse caso ao mesmo tempo que a abordagem satisfaz os anseios e necessidades do indivíduo de aderir à uma determinada abordagem - com o sentimento de que compreendeu à abordagem aderida -, mas que conseguiu aderir apenas esta pelo fato de que foi a única que conseguiu compreender, na outra via através das críticas já pré-existentes mas que ele incorpora e reproduz elas como se fossem críticas que ele próprio elaborou, essa segunda situação satisfaz um outro anseio que é a transformação da percepção do sujeito – que é considerado um incômodo - de que *todas às abordagens tem alguma validade e portanto todas são passíveis de estarem certas em maior ou menor medidas em algumas coisas e erradas em outras*. Essa percepção se transforma por conta das críticas pré-existentes e agora todas às outras abordagens passam a ser na palavra dessas pessoas *“teorias que não produzem um ambiente facilitador, que não veem o fenômeno em si, que não deixa o fenômeno se mostrar em sua totalidade e principalmente que divide o homem em corpo e alma, além de que essas abordagens consideram o homem um rato sendo que o homem não é um rato, mas é um humano e portanto essa visão é equivocada. Já à Abordagem Centrada na Pessoa é diferente por que promove um ambiente facilitador, percebe o ser humano não enquanto um animal, mas como um homem com suas características e singularidades. As outras abordagens não fazem isto, apenas a ACP faz. Por isto de escolher ACP e não outras abordagens” [SIC]*. Todos que compreendem minimamente um pouco de Psicologia sabe que não existe nenhuma abordagem que faz divisões entre corpo e alma, e que no caso essas divisões são meramente didáticas para se poder entender o que acontece com o indivíduo.<sup>4</sup>

---

*4 Na próxima oportunidade que tiver irei discutir essa questão. Essa questão é muito interessante, pois demonstra como às críticas que essas abordagens fenomenológicas promovem em relação à Psicanálise ou Psicologia Comportamental são totalmente desprovidas de qualquer base Filosófico-Lógica. Existe uma confusão em torno disso, no caso uma confusão em relação ao que está escrito no texto e como o próprio psicólogo o vê. A exemplo disso basta olharmos para Freud e vê que ele fala sobre um*

Nesse sentido podemos ver que os modos pelos quais os indivíduos aderem uma determinada abordagem são por motivos, não científicos, mas sim pessoais e que geralmente estão ligados à sua própria constituição enquanto pessoa. Uma professora aderiu ACP por conta da sua baixa compreensão de léxico, à segunda aderiu TCC por comodidade. Podemos concluir a partir disso que não houve mecanismos de defesa utilizados para se defender de uma angústia existencial frente à dispersão do campo psicológico – é muito, muito menos do que isso -. Este é apenas o início da problematização da questão.

Os critérios que se referem à aderência de um indivíduo à determinada orientação psicológica podem ser muito variáveis, *mas nunca será por critérios de validade científica*. Por que caso assim fosse o sujeito compreenderia que a Psicanálise constituída por Freud obteve inúmeros avanços ao decorrer da história e que os determinantes sociais identificados nas diversas psicopatologias da

---

Id-Ego-SuperEgo, mas isto quer dizer que ele faz uma divisão do homem em partes? É evidente que essa exposição é uma exposição descritiva de funcionamento psíquico e não o fenômeno em si, por que este aparece em sua totalidade e nas suas expressões. Caso Freud percebe-se o homem enquanto sendo dividido ele jamais teria percebido às Histerias de Conversão que na verdade denotam exatamente essa junção entre psique-soma. Se ele percebeu esses fenômenos é exatamente por que via essas manifestações em sua totalidade – mas teve de fazer uma análise do fenômeno e em seguida uma síntese para o entendimento das partes -, caso contrário teria dito que eram apenas doenças dos nervos – o que provavelmente muitos médicos fizeram em sua época, negligenciando às hísticas e inferindo que era apenas dramatização da parte delas -. Uma outra questão importante de discutirmos são os limites da linguagem e essa confusão entre o que está escrito e o que estamos vendo. Como também os níveis de escrita, seja descritivo, analítico, explicativo e fenomênico. Esses níveis são diferentes e não podem ser confundidos uns com os outros ou serem considerados apenas “perspectivas” ou “modos de ver” e que, portanto, podem ser substituídos ou trocados por serem equivalentes e funcionarem da mesma forma já que são iguais. O que ocorre atualmente é isto, faz-se uma descrição fenomenológica e chama-se a isto de Psicologia. Isto não é Psicologia é uma descrição Fenomenológica. Na Psicanálise tende a se fazer uma exposição analítica que decompõe o fenômeno, na Fenomenologia se intenta a fazer uma exposição descritiva-fenomênica que relata às qualidades e características daquilo que se mostra. Isto são facetas do mesmo fenômeno, num único fenômeno pôde se encontrar seus componentes – análise – como também suas qualidades-características aparentes – descrição-fenomênica -, nesse sentido o que vemos na atualidade é a Psicologia Fenomenológica dizendo não haver determinantes inconscientes em um fenômeno, mas apenas o fenômeno em si e que a portanto à fala da “pessoa” é uma fala coerente e consciente desprovida de qualquer elemento oculto. Sabemos que não é dessa forma, mas é importante salientar que isto é algo que vem acontecendo na Psicologia Fenomenológica, por que na Psiquiatria Fenomenológica os psiquiatras por estarem imbuídos de um espírito científico se utilizaram da fenomenologia de modo prático, mas sem deixar de lado a Psiquiatria Clássica ou os desenvolvimentos da Psicanálise ou Psicologia Cognitivo-Comportamentais. Referências para isto ver: DE SOUZA (2013) e ALARCÃO (2013).

A Psicologia Fenomenológica veio negando às relações existentes entre Psicanálise e Fenomenologia, por exemplo de Biswanger e Freud; Boss e Freud; Boss e Jung. Mas isto se dá não por questões de caráter científico, pois a Psiquiatria Fenomenológica se apropriou muito bem de tudo o que estava ao seu dispor. Isto é uma questão de escolha arbitrária por motivações – do tipo - dessas que demostrei da professora que não compreendia a terminologia psicanalítica, mas que entendeu ACP por ser uma literatura – auto-ajuda - de massa – ‘povão’ - nos Estados Unidos. É nesse sentido que às aderências às orientações psicológicas acontecem em Psicologia.

época de Freud, são inexistentes e, portanto, essas patologias mentais têm em seu núcleo motivadores que não são *apenas* de etiologia sexual – nunca foi -. Compreenderia que é anacrônico se utilizar de conceitos como de castração e complexo de Édipo e assim por diante. Essas são críticas atuais à Psicanálise e que a Psicanálise terá de responder. Como colocar a Psicanálise no seu tempo?

Assim vamos para a Psicologia Comportamental e deparamo-nos com Skinner que criou um sistema teórico que sem dúvida é umas das coisas mais monumentais que já fora criado sobre a terra – em termos de Ciência -. É uma criação límpida e bela, suave e clara como água cristalina. No entanto com um pouco de estudo se poderá ver que existem algumas limitações, como por exemplo àquelas colocada por Lorenz (1995) sobre a necessidade – também - da observação natural dos organismos em seus próprios ambientes de constituição. Com isso vemos que existe um problema aí que deverá ser resolvido ou ao menos respondido pela Psicologia Comportamental, pois ambientes naturais são diferentes dos ambientes artificiais além de haver questões relacionados aos processos físico-químico e biológico dos padrões de resposta ao ambiente. Nessa linha vemos que há problemas.

Passamos para às abordagens Humanistas e vemos que essas trazem um avanço interessante para o campo da Psicologia que é de olhar para o homem em sua totalidade com todas às suas formas e atributos que detém em seu seio existencial. Como também de trazer a ideia da possibilidade de haver outras possibilidades e de não haver a plena restrição do homem aos seus processos inconscientes ou seu histórico de aprendizagem, demonstrando que apesar de haver essas condições, não quer dizer que o homem não possa fazer outra coisa daquilo que fizeram de si (SARTRE, 1973). Essa corrente de pensamento permite o homem pensar a si e olhar para o futuro. No entanto têm complicações, uma vez que essa abordagem não é necessariamente uma Teoria Psicológica que nos revela processos, estruturas e dinâmicas. Na verdade, é uma Teoria Posicional, isto é, uma teoria de postura do terapeuta diante da pessoa que se encontra à sua frente com uma demanda. Basicamente é uma Filosofia de Vida, não chegando ao certo a ser uma Psicologia propriamente estrita no sentido tradicional. Evidências para isso é o fato de não haver um edifício com conceitos ou noções pilares de base, não há isto. Existe na verdade uma certa imprecisão, no entanto a Fenomenologia e o Humanismo trazidos para a Psicologia cultivam essa forma de conhecimento do constante transformar-se e produzir, sem necessariamente haver uma sistematização ou classificação dos processos. Esse é um dos seus problemas, pois torna-se subjetivo, não encontrando tendências gerais que demonstrariam o homem em si. Apesar da Fenomenologia ser a Ciência dos Fenômenos e intentar descobrir às suas essências, esse ideário não foi trazido para a Psicologia Fenomenológica, pois esta não nos revelou nada de novo, a não ser a mimese do que Husserl e Heidegger pronunciaram. Já na Psiquiatria Fenomenológica ocorreu esse processo, uma vez que os médicos têm uma formação científica sólida e os Psiquiatras trazem

essa formação para os campos das Ciências Humanas com um rigor das Ciências Naturais. Na psicologia não há tradição de ciência, uma vez que essa formação é feita de disciplinas de Psicologia Comunitária e História da Psicologia, diferente dos médicos que interagem com disciplinas de Neurociências, Bioquímica, Citologia e Histologia. É óbvio que teriam mais sucesso na empreitada de trazer a Fenomenologia para a Psiquiatria. Bom, essas são uma das dificuldades dessa tradição Humanista.

E por fim temos a Teoria Cognitiva que é a última Psicologia recém-criada e que está permitindo uma integração no campo da Psicologia como jamais visto, uma vez que o seu modo bem formatado e diretivo de lidar com questões humanas permitiram a quantificação. Não obstante, para se fazer isto teve-se de sacrificar: o conhecimento de si que a Psicanálise proporcionou; a compreensão rigorosa da conduta humana em termos comportamentais que a pesquisa do Behaviorismo promoveu; e a espontaneidade do contato humano que se encontra na relação entre pessoas que às abordagens Humanistas proporcionaram. Esse, portanto é uma das problemáticas envolvidas nesse campo.

Coloquei brevemente pequenos problemas que se encontram nas linhas gerais da Psicologia, ao se deparar com esses problemas o estudante de Psicologia teria de logicamente questionar a sua escolha por uma abordagem ou outra. Não obstante, estou demonstrando que jamais a escolha do estudante será pautada por critérios de validade científica, mas sim por critérios pessoais e dos mais arbitrários possíveis. E isto se dá justamente pelo fato, não por que o estudante não queira estudar ou não esteja querendo lidar com questões de ciência mesmo que paradoxalmente ele se encontre dentro de uma, mas sim por que não é possível você dizer que uma dessas abordagens são mais científicas ou qualitativamente melhores do que às outras, uma vez que cada uma delas trazem algo que contribuem para o crescimento em geral da Psicologia.

## **PERSPECTIVAS PARA FUTUROS ESTUDOS**

Para fazermos ciência na psicologia temos de entender o que é Ciência dentro das Ciências Humanas, por que a partir dos dados que trago neste trabalho fica mais do que claro que a Ciência Psicológica ou Ciências Humanas, não tem nada de semelhante à uma ciência da física, biologia ou química. Devemos nos questionar um pouco sobre quais são essas diferenças e nos perguntar realmente se somos uma ciência ou se teríamos de começar a pensar em outro nome para aquilo que fazemos, por que ao que tudo indica Ciências Humanas não é uma Ciência, no sentido e significado estrito que damos à esse termo, que é na verdade um sentido e significado emprestado das Ciências Naturais.

Jamais veremos na Física um Físico de orientação Aristotélica ou Rutherfordiana. Quando conversar com um Físico ele dirá que é físico, mas se conversar com um Psicanalista ele dirá que é Lacaniano ou Reichiano, jamais dirá que é psicanalista. Além disso também jamais veremos um Químico de orientação Empédocliniana, isto é que acredita que às substâncias são formadas de terra, vento, água e fogo e outro por sua vez de orientação Boyleiriana que acredita na lei dos gases. Se encontrases um Químico ele dirá que é químico e se você perguntar alguma coisa a mais ele dirá em qual área trabalha. Já um Sociológico ele diz que é Sociólogo, faz uma pausa e fala “Marxista...Sociólogo Marxista”. Outros dizem serem Webberianos. Nenhum biólogo irá dizer que é um Biólogo “Lysenkiano”, pois a Genética e a Biologia Molecular – não é nem Darwin – comprova que não é possível a teoria de Lysenko. A questão de ser Psicólogo de orientação Fenomenológica-Existencial ou Psicólogo Humanista à luz de Maslow; sociólogo durkheimiano ou webberiano; são coisas de Ciências Humanas, isso não ocorre nas Ciências Naturais, essa é uma evidência para nos questionarmos se o que fazemos é realmente Ciência.

Figueiredo (2012) nos dá uma pista importante que nos permite dar um passo inicial sobre aquilo que propriamente vem a ser às ciências psicológicas. Esse passo irá nos permitir, talvez algum dia nos aproximarmos da realidade de forma mais sustentável com menos vieses e com maior credibilidade e com ética principalmente. Uma vez que fazer ciência e estar comprometido com fazê-la de modo competente é uma posição ética de não reproduzirmos valores e crenças, mas um conhecimento válido pautada pela experiência tendo como guia à razão. Ele diz:

*Na verdade, depois de muita observação de mim mesmo, de colegas e de alunos, eu me permito duvidar de que os psicólogos possam realmente escolher suas teorias, métodos e técnicas. Creio que é totalmente ilusório imaginar que em algum momento tenhamos a isenção, o conhecimento e a liberdade para efetuar esse tipo de opção. Ao contrário, o que percebo é que somos escolhidos: somos como que fígados, atraídos por uma trama complexa de anzóis e iscas, das quais algumas nunca serão completamente identificadas.*

*De qualquer forma, muito antes de nos darmos conta de que escolhemos já fomos escolhidos e embora estas opções possam ser refeitas, haverá sempre algo que nos antecede e nos chama. Ora, o que uma reflexão acerca das matrizes do pensamento psicológico nos pode propiciar não será, portanto, uma escolha plenamente consciente e racional. O que podemos esperar, creio eu legitimamente desta reflexão, é uma ampliação da nossa capacidade de pensar acerca do que acreditamos, acerca do que fazemos e de quem somos (FIGUEIREDO, 2012, p. 22).*

Essa fala de Figueiredo é belíssima e resume muito bem o que pretendemos quando dizemos sobre compreender a Epistemologia da Psicanálise, da Psicologia ou das Ciências Humanas. O psicólogo realmente não adere à uma abordagem através de uma escolha racional ou por critérios científicos. Adere por motivações das mais variadas e todas são por valores e critérios subjetivos, jamais será por valores de cientificidade ou por compreensão do que é a Ciência, por que não há ainda desenvolvido uma Epistemologia ou uma Filosofia da Ciências Humanas que nos permita compreender o que é Ciência nesse ramo, não existe e é um campo que está por se fazer e por se criar. O intuito desse campo não é dizer ou demonstrar para a comunidade o que são às *ciências humanas de verdade*, deve pretender isto, só não deve presumir que a partir do momento que o descobrir, às escolhas por abordagem a partir daí em diante serão feitas através de uma racionalidade, não o será. O que podemos proporcionar é um conhecimento da lógica das decisões daquele que adere uma determinada abordagem nos campos das humanidades, mas jamais irá poder fazer com que esse campo – a partir desse conhecimento - privilegie um critério racional para essas escolhas, justamente por que um outro campo que se denomina de Sociologia das Ciências Humanas irá demonstrar que o funcionamento das comunidades na áreas das humanidades reproduz esse processo e que por sua vez existe aí uma questão também de Antropologia das Ciências Humanas que nos permitirá compreender essa questão essencialmente humana.

Veremos com esses estudos – num futuro próximo – que a pluralidade de abordagens na verdade revela uma característica inerente ao próprio processo de fazer ciências humanas e que a ideia de unificação é uma contradição em termos por que vai em direção contra à própria natureza do funcionamento dessas ciências. Diferente do funcionamento das ciências naturais que a tendência na verdade é uma hegemonia e unificação total com os indivíduos em concordância e sem discordância entre eles na operacionalização de suas práticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**, tradução. Alfredo Bosi, 2ª ed., São Paulo, 1998.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Editora Vozes Limitada, 2017.

ALARCÃO, Gustavo Gil. **A amizade de Freud e Binswanger sob perspectiva fenomenológica estrutural**. 2013.

BIRMAN, Joel. **Os paradigmas em psicanálise são comparáveis?: Sobre o mal-estar, a biopolítica e os jogos de verdade**. Tempo psicanalítico, v. 45, n. 1, p. 147-178, 2013.

CESAROTTO, Oscar Angel; DE SOUZA LEITE, Márcio Peter. **Psicanálise & Lógica. Entrevista com Newton Costa**. Leitura Flutuante. Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise. ISSN 2175-7291, v. 6, n. 2, 2014.

DE FREITAS ARAUJO, Saulo. **O eterno retorno do materialismo: padrões recorrentes de explicações materialistas dos fenômenos mentais**. Archives of Clinical Psychiatry, v. 40, n. 3, p. 114-119, 2013.

DE SOUZA, Gustavo Fernando Julião. **Fenomenologia e raciocínio clínico em psiquiatria: o conceito de marcadores psicopatológicos**. 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; MONGE, Francisco. **El antiedipo: capitalismo y esquizofrenia**. Barcelona: Paidós, 1985.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Convergências e divergências: as questões das correntes de pensamento em psicologia**. Transinformação, v. 4, n. 1/2/3, 2012.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

FULGENCIO, Leopoldo. **Pode haver uma ciência psicanalítica sem uma metapsicologia especulativa?**. *Scientiae Studia*, v. 11, n. 3, p. 491-510, 2013.

IZQUIERDO, Ivan. **Estudos de neurociência superaram a psicanálise**. Folha de S. Paulo, 18/06/2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2016/06/1783036-estudos-de-neurociencia-superaram-a-psicanalise-diz-pesquisador-brasileiro.shtml>>. Acesso em: 18 de maio de 2019.

KANDEL, Eric R. **A biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado**. *Rev Psiquiatr RS*, v. 25, n. 1, p. 139-65, 2003.

KNOBEL, Mauricio. **Psicoterapia breve**. In: *Psicoterapia breve*. 1986.

LOPARIC, Zeljko. **O paradigma winnicottiano e o futuro da psicanálise**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, n. 1, p. 137-150, 2008.

LORENZ, Konrad. **Os fundamentos da etologia**. Unesp, 1995.

MEZAN, Renato. **Existem paradigmas na psicanálise**. *Percurso*, v. 4, 1990.

MEZAN, Renato. **Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?**. *Natureza humana*, v. 9, n. 2, p. 319-359, 2007.

RIVIÉRE, Enrique **Pichón**. **El proceso grupal**. Nueva, 1997.



RIBEIRO, Sidarta. **As ilusões da mente**. 2015. Disponível em: <  
[https://www.youtube.com/watch?v=q4\\_v26b1ehc](https://www.youtube.com/watch?v=q4_v26b1ehc)>. Acesso em: 18 de maio de 2019.

RIBEIRO, Sidarta. **Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro** Dream, memory and Freud's reconciliation with the brain. Rev Bras Psiquiatr, v. 25, n. Supl II, p. 59-63, 2003.

SARTRE, Jean-Paul; HEIDEGGER, Martin. **O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método**. Abril Cultural, 1973.

SOKAL, Alan D.; BRICMONT, Jean. **Imposturas intelectuais**. Barcelona: Paidós, 1999.

ZIMERMAN, David E. **Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus**. Artmed Editora, 2009.